timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XII PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 128 SETEMBRO 1996

SOMBRAS SOBRE A ECONOMIA INDONÉSIA

A crise de Julho teve repercussões sobre a economia indonésia que vieram alimentar as interrogações sobre o futuro político do regime

Os efeitos da repressão desencadeada pelas autoridades indonésias sobre os activistas pró-democracia aquando do assalto à sede do PDI, em 27 e 28 de Julho últimos, e dos violentos confrontos que se seguiram, ultrapassaram em muito o simples impacto mediático do momento. Ao repercutir-se tão fortemente nos meios de negócios nacionais e internacionais, a credibilidade económica da Indonésia foi posta em causa e são hoje cada vez mais os analistas que se interrogam sobre o futuro do regime e do país.

"BLACK MONDAY"

Em 29 de Julho, estavam os bombeiros de Jacarta ocupados no rescaldo dos incêndios que nos dois dias anteriores tinham devastado dezenas de edifícios e mais de uma centena de viaturas na baixa da capital indonésia, quando os efeitos desse fim-de-semana turbulento começaram a fazer-se sentir nos mercados financeiros indonésios. Nessa segunda-feira e na terça-feira seguinte, o índice composto da Bolsa de Valores de Jacarta caiu 5% e a rupia sofreu a mais forte desvalorização dos últimos cinco anos, dando origem a movimentações frenéticas do Banco Central. Os investidores estrangeiros retiraram-se em massa e foram as cotações das principais empresas, anteriormente consideradas das mais atractivas, as que maiores quebras sofreram. O desnorte foi de tal ordem que, por analogia com o sucedido em Wall Street em 1929, a *Jakarta Business Review* de 14 de Agosto crismou aquele dia como "*Black Monday*".

Nos dias imediatos, o valor da moeda e as cotações na bolsa moveram-se para cima e para baixo, ao sabor dos boatos que corriam sobre mais motins, ameaças de bomba e prisões de oposicionistas. Duas semanas após os confrontos, os mercados financeiros tinham gradualmente regressado à normalidade, a rupia recolocava-se no seu anterior nível e as cotações na Bolsa voltavam a subir. O *crash* bolsista e cambial (se tal qualificativo merece, atendendo ao carácter incipiente dum pequeno mercado emergente como é o caso do indonésio), parecia agora um distante sonho mau, totalmente ilógico. Pois não apresenta a Indonésia um impressionante registo de estabilidade e progresso económico, com taxas de crescimento na ordem dos 7% na última década (que a levou a quase decuplicar o rendimento *per capita* desde a subida de Suharto ao poder, há trinta anos), uma inflação controlada e uma notável capacidade de captação de investimento estrangeiro?

A CRISE, APESAR DE TUDO...

Pese embora a recuperação rápida das variáveis económicas de curto prazo, os efeitos de longo prazo dos confrontos continuam incertos. De uma maneira geral, o mercado de capitais indonésio permanece altamente volátil, mantendo-se também o nervosismo dos operadores financeiros. A razão fundamental para essa desconfiança reside menos no descrédito nas virtualidades e potencialidades da economia indonésia e mais nas nuvens que se colocam sobre o futuro do regime. Ou seja, menos na economia e mais na política. Nas palavras de Bernard Eschweiller, analista da *JP Morgan*, de Singapura, referido pelo *Business Times*: "*Embora a economia indonésia tenha um bom desempenho, os riscos políticos são agora muito claros ou pelo menos clarificaram-se para pessoas que se tinham tornado complacentes em relação a eles.*"

Para a *PERC, Political and Economic Risk Consultancy, Ltd.*, uma empresa americana especializada em análise de risco, é fora de dúvida que os riscos políticos estão em crescendo na Indonésia. Num relatório sobre este país, publicado em Agosto, afirma-se que a agitação social (greves, manifestações, disputas sobre terras, conflitos religiosos) deverá prosseguir e que a repressão continuará a ser a resposta das autoridades. Embora a economia prospere e haja maior riqueza, o fosso entre ricos

neste número:

INDONÉSIA: ECONOMIA "SOMBRIA"

CAMPANHA EM 28 DE OUTUBRO

RESISTÊNCIA ARMADA EM TIMOR

e pobres tem-se agravado e as tensões sociais crescem. Simultaneamente, as fracturas na base social de apoio do regime aprofundaram-se, com sectores importantes da classe média a exigirem agora os direitos políticos que lhes têm sido negados. Para completar o cenário, as divisões na elite dirigente tendem a agravar-se, em paralelo com o eternamente adiado processo de sucessão de Suharto.

A conjugação destas duas clivagens, desigualdades sociais e luta pelo poder, poderá dar lugar ao que a *PERC* designa por "*nightmare cenario*", um cenário-pesadelo: "*imagine-se uma situação em que dois generais competem pela Presidência, um deles uma figura autoritária com sólido apoio militar e o outro um líder populista que congregue sindicatos, muçulmanos insatisfeitos e jovens desempregados*". Na apreciação da *PERC*, uma revolução popular semelhante à que ocorreu nas Filipinas em 1986, não parece no entanto provável na Indonésia, já que "*nenhum dos grupos oposicionistas, individualmente ou em conjunto, desfruta de suficiente poder, influência ou capacidade organizativa para derrubar o Governo*". O risco, acrescenta, "*é que os activistas oposicionistas se tornem ainda mais alienados do sistema político, produzindo uma oposição clandestina, mais difícil de manejar pelo regime.*"

OS FILHINHOS DO PAPÁ

A prova definitiva de que na Indonésia existe uma relação umbilical entre risco económico e risco político, é o facto de, entre as empresas mais "chamuscadas" pelos calores dos confrontos, estarem todas as ligadas à chamada "1ª família". As maiores quebras na Bolsa de Jacarta ocorreram em empresas dos três filhos de Suharto, seja no grupo *Bimantara*, de Bambang Suharto, cujas cotações caíram quase 60% (o grupo *Bimantara* é um dos maiores do país, com um valor de capitalização bolsista de cerca de 300 milhões de contos e lucros em 1995 de cerca de 80 milhões), no *Citra Marga* (outro colosso, propriedade da filha do Presidente, Tutut Suharto), que também caiu fortemente, ou ainda nas empresas de Liem Sioe Liong, um amigo de longa data de Suharto e possivelmente o homem mais rico do país. Segundo um gestor de fundos de Hong-Kong, citado pela *Asiaweek* de 23 de Agosto: "*No médio e longo prazo continuo a acreditar na Indonésia, mas preferiria evitar as acções ligadas à 1ª família.*"

O processo de constituição destes grupos económicos verificou-se com base em situações de privilégio, impensáveis para qualquer vulgar empresário indonésio. A mais normal tem sido a concessão da exploração de mercados monopolistas ou oligopolistas (muito comuns numa economia fortemente regulamentada como a indonésia), a par da atribuição de financiamentos em condições anormalmente favoráveis, de reduções fiscais e de isenções aduaneiras duvidosas. A avaliação que a maioria dos analistas faz da qualidade da gestão e do valor intrínseco destes grupos é em geral fraca: "*Os membros da 1ª família não gerem verdadeiros negócios.*", afirma um banqueiro americano sediado em Hong-Kong, "*São meros operadores de 'franchising'. Dentro de cinco anos já não existem*" (*Far Eastern Economic Review*, 5/9/96).

A questão do poderio económico da família Suharto é um assunto de tal forma tabu na Indonésia, que a imprensa está totalmente impedida de o abordar e corre o risco de lhe serem fechadas as portas se violar a proibição. A revista *The Economist*, de 3 de Agosto, conta uma história que corre em Jacarta, segundo a qual, quando há uns anos o actual Vice-Presidente Try Sutrisno tocou ao de leve o assunto, sugerindo ao Presidente que ele refreasse um pouco os filhos, Suharto esteve três meses sem lhe falar. É um episódio que mostra bem o grau de anquilosamento da "Ordem Nova". Por isso o regime recorre cada vez mais à repressão e se mostra incapaz de gerar no seu seio qualquer tipo de alternativa à presente situação. Os riscos são evidentes, na opinião da referida publicação: "*Agindo desta forma, o próprio Suharto pode estar a contribuir para uma futura explosão, de consequências potencialmente devastadoras.*"

28 DE OUTUBRO: DIA INTERNACIONAL DE PROTESTO

Durante um seminário realizado no dia 30 de Agosto em Sydney pelo *ASIET - Australian Solidarity with Indonesia and East Timor*, Max Lane, seu coordenador nacional, anunciou a realização de uma campanha internacional em favor da luta pela democracia na Indonésia. "*Esperamos que as primeiras acções internacionais de apoio ao movimento democrático indonésio sejam das mais amplas series de acções de solidariedade até hoje realizadas.*" Lane disse que a iniciativa tem tido uma boa recepção da parte de personalidades e organizações dos mais variados países, da Ásia à Oceania, passando pela Europa e pelas Américas.

O primeiro grande acontecimento da campanha será a realização de um Dia Internacional de Protesto pelos Direitos Humanos e pela Democracia na Indonésia no próximo dia 28 de Outubro.

Porquê este dia? Porque foi em 28 de Outubro de 1928 que se realizou o Congresso fundador da Juventude Indonésia que desempenhou um papel decisivo na luta contra o colonialismo holandês.

Os apoios e os empenhamentos têm surgido com particular destaque na Ásia e na Europa, para além da própria Austrália, mas também no continente americano. O Conselho Central da Federação dos Sindicatos da Índia (*AICCTU, All India Central Council of Trade Unions*) propos-se já promover convenções de solidariedade em várias cidades, entre as quais Delhi e Calcutá. Nas Filipinas é também uma organização de base laboral, a *Philippines Workers Solidarity*, que aparece a assumir a iniciativa. Recorde-se que foi já este grupo que organizou acções de protesto à porta da embaixada indonésia em Manila na sequência da invasão da sede do PDI. Na Tailândia, onde uma dezena de ONG enviou uma declaração de protesto ao governo de Jacarta pelos acontecimentos de 27 de Julho, é esperada igualmente uma significativa adesão ao Dia Internacional de Protesto.

Na Europa a iniciativa está a ser calorosamente recebida entre os refugiados indonésios residentes na Holanda que estão a preparar uma greve de fome para esse dia. Na Alemanha, na Hungria e na Espanha, organizações políticas conotadas com a esquerda mostraram disponibilidade em colaborar na iniciativa. Nos EUA e no Canadá várias organizações sindicais responderam ao apelo e preparam, também elas, iniciativas para o dia 28 de Outubro.

O DESGASTAR DO INIMIGO

Embora apostando hoje mais na luta urbana, a Resistência timorense continua viva e activa nas vilas e montanhas de Timor Leste

Comunicados das Falintil assinados pelo Comandante David Alex chegados agora até nós, dão conta da actividade militar da Resistência no último trimestre de 1995 nas chamadas Regiões de Guerrilha 1 e 2, na zona leste do território.

TÁCTICA SEM ALTERAÇÕES

Apesar de não ter havido "*nem um mês que não tivesse registado operações militares ao longo do ano, quer nas montanhas quer nas aldeias e vilas, embora fossem variáveis na forma e no grau da sua envergadura e intensidade quanto ao período e lugar*", a táctica usada pelo exército colonial foi sempre a mesma, "*isto é, actua em pequenos grupos, que cobrindo de tal forma um vasto terreno e no maior segredo,* [vão] *promovendo emboscadas, quer diurnas quer nocturnas, nos locais suspeitos, promovendo rusgas e perseguições, rondas às casas da população, etc. (...).*"

"*O movimento das forças inimigas nas vilas e nas estradas é constante e quase diário. Movimentam-se em colunas de viaturas de sentidos contrários, no vai e vem, bem equipadas e armadas. Esses movimentos, umas vezes para operações nas montanhas mas outras vezes não passam de uma demonstração de força para intimidar a população. A propósito disso, disseram à população que não há nenhuma criatura ou nenhum ser humano na face da Terra que possa 'arrear' a bandeira merah-putih* [vermelho e branco, as cores da bandeira indonésia] *a não ser só Deus.*"

DESGASTAR O INIMIGO

Os comunicados especificam algumas das operações militares levadas a cabo pelo exército indonésio:

"*Em 26 de Outubro, um encontro entre um grupo de guerrilheiros e as Forças Inimigas, perto da vila de Iliomar, não houve baixas de ambos os lados. No dia 4 de Novembro, o IN, numa emboscada em áreas de Meara, do posto administrativo de Tutuala, causou a morte de um guerrilheiro e capturou uma arma M-16. No dia 7 do mesmo mês de Novembro, o IN, numa outra emboscada realizada em áreas de Iliomar, provocou a morte de mais um guerrilheiro e outro dado como desaparecido, cuja situação se desconhece ainda.*"

Algumas acções da Resistência são também referidas:

"*No dia 29 de Novembro um grupo de guerrilheiros efectuou dois ataques sucessivos, a saber:*

- pelas 8 h da manhã, numa emboscada a uma nascente de água em Luca, a 17 km a Oeste de Viqueque, causou a morte de dois soldados indonésios do Batalhão 410, um deles com a patente de 1º Sargento, e as suas armas foram confiscadas pelos guerrilheiros;

- cerca das 15 h realizou-se outra operação na linha rodoviária de Viqueque a Luca/Natarbora, (...), onde deteve, entre outras viaturas civis e motorizadas, (...) a motorizada do capitão javanês de nome Edy, comandante das forças de boinas vermelhas destacadas na Região de Viqueque (...) quando seguia de Viqueque a Klalerek-Mutin, com o liurai da referida aldeia de nome Domingos Soares Pinto.

Porém, por pedido do tal liurai, por questões da sua segurança pessoal como também da sua população, que é sobrevivente da população de Krarás, vilmente assassinada (...) pelas tropas indonésias em 1983, (...), foi posto de novo em liberdade sem lhe ter feito nenhuma ofensa corporal e retirando-lhe apenas a pistola que trazia."

"*No dia 2 de Dezembro, um grupo de guerrilheiros lançou o seu ataque a um posto IN, localizado a 4 km a Oeste de Lospalos, tendo causado quatro mortos ao (...) Batalhão 328.*

No mesmo dia, outro grupo de guerrilheiros atacou outro posto IN localizado na aldeia de Boro/Meara, de Tutuala, causando a morte de um soldado do Batalhão 611 e ferimento noutro, do mesmo Batalhão.

Na noite do dia 3, ainda outro grupo de guerrilheiros infiltrou-se na vila de Lospalos onde provocou a morte de cinco indonésios de Sulawesi e pôs em fuga uma secção de Polícia localizada junto ao mercado local."

MALDITA SORTE

Um comunicado do CNRM/Frente Clandestina chegado recentemente exemplifica bem os meios utilizados pelo exército indonésio para tentar quebrar os elos que unem a população à guerrilha.

"*No passado dia 27 de Julho, no suco de Acumeno, houve uma festa na residência do chefe do suco*" e em que "*estava presente também (...) o Comandante da zona de Liquiça (...). No decorrer da festa, aproximadamente às 22 h 15mn, na altura em que* [estavam] *todos satisfeitos de (...) dançar e (...) jogar kuru-kuru, de repente um grupo de guerrilheiros, comandados por Júlio 'Maureha', conseguiu infiltrar-se no meio da festa.*" Gerou-se o pânico entre os presentes "*e cada qual por si procurou escapar-se e o tal Comandante da zona também tentou escapar-se mas, maldita sorte, caiu mesmo na mão dos guerrilheiros (...) e morreu.*"

Nos dias seguintes as forças militares e de segurança indonésias lançaram uma operação repressiva na região de Acumano, prendendo dezenas de pessoas, particularmente jovens, entre as quais a mulher do Comandante Júlio 'Maureha', Teresa de Fátima, e os seus 4 filhos, dos quais o mais novo tem apenas 3 anos de idade.

O objectivo desta acção visava não só obter informações que pudessem levar à captura dos guerrilheiros como também, e sobretudo, intimidar a população do suco e, pelo medo, levá-la a hostilizar os combatentes da Resistência. O Comandante 'Maureha' é um homem bem conhecido na área pois, conforme relata o comunicado que vimos citando, escapou-se "*para o mato no dia 24 de Abril de 1996*" após um confronto em Acumano "*com o chefe do suco e forças do Batalhão 401*", que o conseguiram ferir "*com três facadas e um tiro.*"

BRASIL: ALATAS DISCRETO ...

No final do passado mês de Setembro, o MNE indonésio, Ali

Alatas, empreendeu uma curta visita oficial ao Brasil, tratada com maior a discrição, quer pelas autoridades brasileiras quer pelas indonésias, alegadamente com o intuíto de evitar a ocorrência de protestos, facto que não foi inteiramente conseguido.

Esta visita enquadra-se numa ofensiva diplomática que a Indonésia está a efectuar junto do mundo lusófono, relativamente à questão de Timor Leste, na qual se enquadram os recentes desenvolvimentos político - diplomáticos em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Segundo o apurado, a visita, que decorreu entre 17 e 19, repartiu-se entre Brasilia e Rio de Janeiro, tendo Alatas encontrado-se com o Presidente Fernando Henrique Cardoso e o MNE brasileiro Luiz Lampreia.

Timor Leste não deixou, porém, de perseguir Ali Alatas, tendo-se realizado em Brasília uma manifestação de protesto que agregou, nomeadamente, elementos da Federação Nacional de Jornalistas, da União de Estudantes, da Central Única de Trabalhadores, do Comité de Solidariedade com Timor Leste de Brasília, do Sindicato de Professores do Distrito Federal e de parlamentares da Câmara de Deputados.

Os manifestantes deslocaram-se ao palácio presidencial onde entregaram uma carta dirigida a Henrique Cardoso, exigindo que o governo assuma definitivamente a posição definida na reunião de constituição da CPLP, de defesa do direito do povo de Timor Leste à auto-determinação.

... E MONS. ARNS ESCREVE A X. GUSMÃO

Na sequência de outras manifestações de preocupação já tidas

no passado, o Arcebispo de S. Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, escreveu ao Comandante Xanana Gusmão, no passado mês de Setembro, assegurando-lhe que "*o Brasil, que foi colónia, e os brasileiros, que sofreram muitos anos de ditadura*" não vão esquecer o povo timorense.

"*A coragem e determinação do seu povo na luta pelas suas mais legítimas aspirações pela liberdade, independência nacional, paz e dignidade, constituem uma fonte de inspiração e admiração para todos nós e para todos aqueles que lutam pelos mesmos ideais*", acrescentou D. Paulo Arns não deixando de no final de assegurar ao "*ao Comandante Xanana Gusmão, de que tudo farei para que a paz, a justiça, a liberdade e a dignidade sejam restauradas ao seu martirizado povo.*"

SUHARTO: AVISO AOS RICOS

De acordo com jornais indonésios, o Presidente Suharto teria

alertado para a crescente ameaça de uma revolução no país. Durante uma recepção no Palácio Presidencial que reuniu 500 pessoas das mais ricas da Indonésia - entre os quais se incluíam dois dos seus filhos, Bambang Trihatmodjo e Hutomo Mandala Putri, e Liem Sioe Liong, o homem mais rico da Indonésia - o velho ditador avisou: "*Eles estão a tirar partido da pobreza e das desigualdades sociais para começar uma revolução.*" (*Jakarta Post*, 15/9/96).

Segundo um inquérito realizado em 1995 pelo *Indonesian Business Data Centre*, 300 companhias controlam 47,8 % do PNB do país, num montante de 73,5 biliões de dólares americanos.

Nesse mesmo ano, um decreto presidencial obrigava os cidadãos com rendimentos pós-impostos superiores a 100 milhões de rupias/ano (aproximadamente 6.300 contos) a descontar 2% para um fundo para a pobreza.

Suharto lembrou agora que, dos que se encontravam abrangidos por este decreto, apenas 50% tinham descontado para ele. "*Quero saber por que só metade de vocês foi capaz de contribuir para este fundo. Estão com dificuldades? Se sim, ajudá-los-ei.*"

Referindo-se aos manifestantes e activistas pró-democracia disse: "*Temos que ser firmes com eles.*" (*Business Times*, 16/9/96)

CDPM NA WWWEB

Na sequência do protocolo de cooperação assinado com a

Universidade de Coimbra, desde Agosto que vimos ensaiando a nossa página no servidor WWW daquela Universidade.

Sem a possibilidade de recorrer, por carência de recursos humanos e materiais, aos meios gráficos que tornam tão atractivas tantas páginas na Inernet, tentamos compensar essa lacuna pela organização e qualidade da informação que disponibilizamos.

Por dificuldades no desenvolvimento da aplicação que converte para HTML os formatos em que se encontram os documentos já registados na nossa base de dados, não é ainda possível aceder a essa parte do nosso acervo documental. Entretanto, vamos oferecer todos os meses uma página dedicada a um tema específico. A de Setembro, a primeiro, foi dedicada à cozinha timorense. A deste mês será sobre os 22 anos que já levam as conversações luso-indonésias sobre o problema de Timor.

No rodapé desta página tem o nosso endereço. Para o caso de ainda não ter reparado, aqui o repetimos: http://cygnus.ci.uc.pt/~cdpm/index.htm.

Visite-a e dê-nos a sua opinião. Boa viagem.

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3ª E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org; URL: http://cygnus.ci.uc.pt/~cdpm/index.htm
IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317